

## **CORDEL NOTÍCIA, FOLKCOMUNICAÇÃO E SUBJETIVIDADE:<sup>1</sup>** Comparativo entre Narrativas da Imprensa Tradicional e da Literatura de Cordel no Relato do Massacre do Sítio Caldeirão

Keyssianne Oliveira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O estudo propõe diálogos entre folkcomunicação e literatura de cordel a fim de explorar o potencial jornalístico dos cordéis de acontecido sob a perspectiva folkcomunicacional. Além de propor um diálogo acerca da subjetividade empregada no discurso noticioso do poema de cordel, este artigo também realiza uma análise entre as formas como o massacre do Sítio Caldeirão é relatado pela imprensa tradicional em comparação com a narrativa empregada pela literatura de cordel acerca do mesmo fato. Para tal, este artigo se debruça sobre a cobertura do jornal O Povo acerca do 2º ataque sofrido pelo Sítio Caldeirão, publicada em 1937 comparando-a com os versos do cordel “O terrível massacre do Caldeirão do Beato José Lourenço” de Geraldo Amâncio, publicado em 2001.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cordel; folkcomunicação; comunicação popular; comunicação e cultura; Sítio Caldeirão.

### **INTRODUÇÃO**

Conforme o Censo Demográfico 1940/2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1940 mais da metade da população brasileira não sabia ler nem escrever, com uma taxa de 56% de analfabetismo para 44% de pessoas alfabetizadas. Dessa forma, o cordel, cantado em feira pública por seus vendedores e às vezes autores, funcionava como uma espécie de noticiário para aquelas pessoas que não tinham acesso aos jornais impressos.

Apesar de já fazer parte da historiografia do nordeste brasileiro, a literatura de cordel não tem a região, nem mesmo o Brasil, como berço. A tradição oral do verso cantado, que aborda o cotidiano de um povo, tem origem no cancionário medieval (Schmidt, C.; Mergulhão, E.; Jaconi, S., 2021, P. 7). Porém, o “Cordel”, como é

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o GT 2: Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

<sup>2</sup> Mestranda em comunicação social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduada em Jornalismo. Contato: [keyss.jor@gmail.com](mailto:keyss.jor@gmail.com)

reconhecido no nordeste, chegou ao Brasil por influência lusitana no século XVI, tendo a Bahia como porta de entrada e se expandindo, posteriormente, para os demais Estados (Medeiros, 2011).

Segundo Varjão (2018), referenciado em Abreu (2006), na Europa, a “literatura de cordel”, era, na verdade, uma fórmula editorial, para vender novelas e romances a baixo custo, por conta do papel barato e produção em grande escala. O termo “literatura de cordel” começou a ser empregado por pesquisadores da área, a partir da década de 1970, para tratar dos estudos referentes aos “Folhetos”, como o cordel era popularmente conhecido no século passado pelo seu público.

No Brasil, as histórias de cordel comumente retratam o cotidiano do povo nordestino, as dificuldades que enfrentam, como a seca e os descasos governamentais, os dogmas e a moral religiosa que seguem, muito pautada pelo catolicismo. O cordel é uma literatura de resistência e reivindicação, produzida principalmente pelo sertanejo e para o entendimento e identificação do próprio.

Já a folkcomunicação, teoria que norteia este estudo, se trata de uma disciplina brasileira, idealizada pelo jornalista e pesquisador Luiz Beltrão em sua tese de doutorado, de 1967, que recebe as considerações de outros teóricos importantes, dentre eles: José Marques de Melo, Cristina Schmidt e Eliane Mergulhão. Essa teoria busca entender as manifestações comunicacionais de grupos populares que estão à margem dos grandes processos comunicacionais, e como eles dialogam e são midiaticizados com o que é massivo, erudito e popular. A Folkcomunicação pode ser então entendida como “Ciência que estuda o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opinião, ideias e atitudes do povo, através de agentes e meios ligados ao folclore” (Beltrão, 1980, p. 24 apud Maciel e Silva, 2013, p. 47).

Novamente, a literatura de cordel é uma rica fonte de pesquisa para antropólogos, historiadores, sociólogos e folcloristas, uma vez que, através dos registros escritos sobre o cotidiano de um povo, é possível analisar seus pensamentos, ações, expressividades, vestimentas, dentre outras características culturais. Desse modo, quando folhetos de cordel informam um acontecimento, podem ser tido como gênero jornalístico, de acordo com Schmidt:

Para o Campo da Comunicação a literatura de cordel é expressão de comunicação e informação popular. Luiz Beltrão (2014) explica que literatura de cordel como um gênero textual relacionada à arte popular, e pode ser compreendido como texto jornalístico, pois tem um caráter informativo. Tem o mesmo papel que o discurso jornalístico de colocar a sociedade a par dos fatos que acontecem na sociedade; como também, de uma forma implícita, expressar opinião e ideias. Para Marques de Melo (2008) a literatura de cordel pode ser considerada como jornalismo; este que, segundo ele, é informativo e opinativo, cujas funções essenciais são informar, opinar, interpretar por meio de gêneros textuais tais como editorial, resenha, crítica, coluna, crônica, caricatura e carta. (Schmidt, 2021, p. 7)

## **DIÁLOGOS ENTRE FOLKCOMUNICAÇÃO E LITERATURA DE CORDEL**

Ainda na linha de estudos de Beltrão, o pesquisador divide o seu trabalho em dois gêneros: folkcomunicação informativa e a folkcomunicação opinativa. A primeira trata da informação oral, a exemplo dos caixeiros viajantes, cantador e chofer de caminhão e informação escrita, como: folhetos, almanaque, calendário e livros da sorte. Já a folkcomunicação opinativa, abrange as tradições e festas populares, tais como: queima de judas, mamulengo, carnaval, além do artesanato e das artes plásticas (Gobbi e Fernandes, 2013, p. 15). Sendo assim, com base na categorização de Beltrão, a literatura de cordel é entendida como folkcomunicação informativa, do tipo oral quando cantada e do tipo escrita quando impressa.

No entanto, José Marques de Melo, discípulo de Beltrão, possui um sistema mais detalhado de categorias da folkcomunicação. Na classificação de Melo, partindo dos estudos de Umberto Eco, a folkcomunicação se divide em quatro categorias: visual, icônica, oral e cinética. Para esta pesquisa interessa a folkcomunicação visual e oral. A classificação oral, se subdivide em: canto, música, prosa, verso, colóquio, zombaria, passatempo e reza. Já a classificação visual, se subdivide em: escrito, impresso, mural e pictográfico. (Gobbi e Fernandes, 2013, p. 15). Desse modo, a literatura de cordel enquanto cantada é categorizada como folkcomunicação oral do tipo verso, já enquanto folheto é entendida como folkcomunicação visual do tipo impresso.

## **ÓTICAS ANTAGÔNICAS ACERCA DO MASSACRE DO SÍTIO CALDEIRÃO: EM VERSOS DE CORDEL E EM LINHAS DE JORNAIS**

A região rural do Crato, conhecida como Sítio Caldeirão de Santa Cruz do Deserto ou Caldeirão dos Jesuítas, composta principalmente por camponeses e retirantes que procuravam melhores condições de vida em meio à seca, foi palco de um massacre político em 1937. A comunidade era liderada pelo beato José Lourenço, funcionava de acordo com o ideal de igualdade cristão e se mantinha da agricultura comunitária, onde o cultivo era dividido para o sustento de todos. O governo federal então reconheceu a mecânica da comunidade como uma ameaça à lógica de poder vigente e ordenou a primeira invasão em 9 setembro de 1936, dispersando a comunidade por forças policiais. Em 11 de maio de 1937, as Forças Armadas atacaram novamente os habitantes sobreviventes do primeiro ataque que se amotinaram ao sopé da Chapada do Araripe, em uma região chamada de Mata dos Cavalos. Na segunda investida militar, um grupo de camponeses revidou o ataque armando uma emboscada para os soldados, que resultou na morte do Cap. José Bezerra, seu filho Anacleto Bezerra e um genro. Do lado dos camponeses, estima-se que houve mais de mil mortes, inúmeras cabanas metralhadas, corpos desaparecidos e famílias que foram separadas e tiveram que se refugiar nas regiões vizinhas.

Este estudo se debruça sobre a forma como o massacre do Sítio Caldeirão tem sua narrativa apresentada em um veículo de imprensa tradicional em comparação com a narrativa acerca do mesmo fato empregada em versos de cordel.

A reportagem intitulada de “Luta e Morte na Serra do Araripe”, publicada em 11 de maio de 1937, pelo jornal O Povo (Figura 1), narra os fatos acontecidos no segundo ataque ao Sítio Caldeirão, em 9 de maio de 1937. O texto que ocupa grande parte da primeira página e a página oito, ganhou destaque na manchete da capa do Jornal, acompanhado do seguinte abre: “Perdem a vida em uma impressionante Chacina, o Capitão José Gonçalves Bezerra e outros militares.” Nota-se que o termo chacina é aplicado mas em referência aos soldados mortos e não aos habitantes assassinados da comunidade.

Figura 1 - Luta e Morte na Serra do Araripe - Jornal O Povo, Fortaleza - CE, 11 de maio de 1937, Pag 1.



Fonte: Acervo - Biblioteca Estadual do Ceará.

“Acaba de chegar a esta cidade o cadáver mutilado do Cap. José Bezerra, vítima de uma emboscada dos fanáticos. Houve outras mortes registrando-se grandes baixas entre os fanáticos. A situação ainda não se está perfeitamente esclarecida”. Relatava por rádio o delegado da Ordem Social, já na página 8 da mesma edição. “A luta foi escarnecida, havendo mortos e feridos de ambos os lados. Junto ao corpo do Capitão José Bezerra, foram encontrados três fanáticos mortos.” Continua outro trecho da reportagem na mesma página. Percebe-se que os membros do Sítio Caldeirão eram intitulados de “fanáticos”. Ao atribuir este termos aos camponeses, a reportagem tira deles o direito a identificação, como se a palavra “fanático” retirasse toda a humanidade dos moradores do Sítio, reduzindo-os a indigentes ou objetos, principalmente quando colocados ao lado de uma figura de prestígio público como o Capitão José Bezerra. No decorrer do texto, todos os oficiais mortos foram identificados e tiveram uma biografia detalhando com honraria sua jornada na polícia. Outro parágrafo cita que os policiais mortos foram promovidos por ato de bravura post mortem.

“Entre os mortos vieram 3 bandidos que foram mortos pelos nossos bravos soldados. Cap J. Lima”. Comandante interino da Campanha dizia em telegrama sobre o

sepultamento dos oficiais mortos. Neste trecho, localizado na página 8 daquela edição, troca-se o termo “fanático” por “bandido” colocando a morte destes “3 bandidos” em posição de conquista quando em seguida se atribui o adjetivo de “bravo” aos soldados que mataram os habitantes.

O Capitão José Bezerra lutou muito, até não poder mais, pois recebeu uma foçada na nuca que provocou a exposição da sua massa encefálica. A morte desse oficial foi bárbara. O corpo do Capitão Bezerra está todo cortado, sua cabeça foi quebrada. O Sargento Anacleto, teve o rosto todo retalhado, tornando impossível reconhecer suas feições. Ambos os braços foram cortados nas canas. O sargento Josafá Gonçalves parece que foi pisado por um pilão. (Jornal O Povo, 1937, p. 1)

Observa-se o detalhamento que se é atribuído a morte dos oficiais, enquanto nada se é esclarecido sobre as mortes do lado camponês. Além disso, o Cap. José Bezerra é posto em posição heróica quando a ele é atribuído que “lutou muito, até não poder mais.” De fato, a violência com que se deu a luta ajudou para reforçar ainda mais o estereótipo de selvagens e bárbaros que já era difundido quanto aos moradores do Sítio.

Em síntese, identifica-se que no tratar do fato, a reportagem do Jornal O Povo optou por utilizar termos pejorativos como “fanáticos” e “bandidos” para se referir ao povo do Caldeirão, além de atribuir honraria e mérito aos oficiais pelas mortes camponesas ao tempo em que se dedica aos detalhes dos óbitos militares enquanto omite quaisquer informações sobre os cadáveres camponeses que estima-se numerar mais de mil vítimas, como explica a reportagem do Jornal/Revista Nação Cariri, 44 anos depois do ocorrido:

Os corpos dos camponeses foram incinerados com gasolina. Os fugitivos foram perseguidos por toda serra do Araripe e fuzilados. Muitos dos que conseguiram atravessar a divisa com Pernambuco foram massacrados pelas forças policiais pernambucanas, que avisadas pelo Governador do Ceará, Menezes Pimentel, estavam de prontidão. A chacina deixou um saldo de mais de mil camponeses mortos. O farmacêutico José Geraldo Cruz encontraria depois só em um local, 16 crânios de crianças. (Cariri, 1981–82)

Por outro lado, a narrativa muda quando o mesmo fato é narrado em versos de cordel. Para tal efeito, este estudo compara a reportagem do Jornal O Povo com o cordel

intitulado de “O terrível massacre do Caldeirão do Beato José Lourenço”, de autoria do cordelista Geraldo Amâncio, publicado em 2001.

O cordel trata desde a chegada do beato José Lourenço em Juazeiro do Norte, sua amizade com padre Cícero, a fundação da comunidade até o massacre do Sítio Caldeirão, sob o ponto de vista camponês e em tom de denúncia ao governo vigente da época.

Quem tava ali estava livre  
Do jugo do coronel  
Do grito do mandatário  
Da escravidão cruel  
Sobrava água e comida  
Era a terra prometida  
Que jorrava leite e mel [...]  
Na seca de trinta e dois  
Tudo no sertão se some  
Mas no sítio Caldeirão  
Todo mundo bebe e come  
Centenas de desvalidos  
No Caldeirão socorridos  
Ficaram ilesos da fome  
(Amâncio, 2001 *apud* Holanda e Cariry, 2007, p. 323)

Nos versos acima, percebe-se a forma como o autor coloca o Sítio Caldeirão como uma espécie de porto seguro para seus membros, onde estes estariam livres do “coronel” e “mandatário” e em um lugar que “sobrava água e comida”, “jorrava leite e mel”. Amâncio também destaca que durante a seca de 1932, ao contrário de grande parte do sertão que sofria com a falta de comida e água, no Sítio Caldeirão “todo mundo bebe e come” enquanto “Centenas de desvalidos/ No caldeirão socorridos/ Ficaram ilesos da fome”. Situando então o Sítio como uma comunidade camponesa que oferecia abrigo, água e comida para aqueles que ali chegavam.

O pretexto era dizer  
Que no Caldeirão havia  
Comunistas infiltrados  
Em perfeita confraria  
Comandantes da intentona  
Comandando aquela zona  
De onde a guerra explodiria [...]  
É bom deixar registrado  
Nas páginas desse cordel  
Que isso foi no governo

De Menezes Pimentel  
Junto com Cordeiro Neto  
Foi o responsável direto  
Desse massacre cruel  
Setembro de trinta e seis  
Depois de longo aparato  
Um batalhão se destina  
Ao município do Crato  
Tendo por triste missão  
Destruir o Caldeirão  
Os romeiros e o beato  
(Amâncio, 2001, *apud* Holanda e Cariry, 2007, p. 324)

Já nos versos transcritos acima, o autor indica ao usar a palavra “pretexto” que o motivo do massacre foi a acusação de comunismo contra o Sítio Caldeirão. Nas linhas seguintes, o autor denuncia o governo de Menezes Pimentel (então governador do Ceará) como “responsável direto” pelo massacre. Em seguida, Amâncio narra a ida do batalhão ao Sítio, destacando o “longo aparato” para se referir a artilharia militar e expondo sua subjetividade enquanto cordelista ao declarar como “triste missão” o ataque à comunidade.

Aqui, vale o destaque para a forma como a subjetividade é utilizada na construção da narrativa sobre o fato em um discurso que toma partido declaradamente. Tendo em vista que se trata de um cordel produzido por um cearense que dedica as primeiras linhas do poema àqueles que: “Para os que não têm acesso / Ao livro, a história, ao fato/ Nesse pequeno cordel /Tento fazer um relato” (Amâncio, 2001, *apud* Holanda e Cariry, 2007, p. 323). Buscando então o autor informar através de um relato para aqueles que não conhecem a história do Sítio Caldeirão, se preocupando em contar não apenas a história do massacre da comunidade, como na reportagem antes analisada, mas também a história do líder Beato José Lourenço, a importância e fartura da comunidade nos tempos de seca para enfim denunciar o massacre. Sendo assim, o cordelista na sua posição de artista não possui medida ao aplicar sua subjetividade ao informar, cabendo uma reflexão sobre o emprego da subjetividade enquanto abordagem na forma de noticiar um fato, para fim de localizar a discussão. Problemática esta que limita a produção de muitas notícias, pois têm-se a ideia de haver uma isenção universal pela qual o jornalista deve partir.

Assim, orientar pautas, abordagens e escrita com esses pressupostos não significa estar com os sentidos embotados pela emoção: ao contrário, significa estar também guiado por critérios dados no desenho de nossa realidade. Ou devemos ignorar, em nome de uma “isenção”, o meio no qual vivemos, somos assujeitados e do qual extraímos nossas temáticas? A subjetividade não pode ser entendida como algo meramente interno, pessoal, do campo da vida privada. (Moraes e Silva, 2019, p.14)

Os soldados assassinos  
Eram também assaltantes  
Matavam e roubavam tudo  
Dos aflitos habitantes  
Que massacre violento!  
Tudo com consentimento  
Dos seus chefes comandantes

Os animais foram mortos  
As casas foram queimadas  
Centenas de criaturas  
Sem defesa, dizimadas  
Sem cova, caixão, sem cruz  
Alimentaram urubus  
Porque não foram enterradas  
(Amâncio, 2001, apud Holanda e Cariry, 2007, p. 325)

Os versos acima permitem uma comparação ainda mais direta com a reportagem publicada no Jornal O Povo. Amâncio intitula os soldados como “assassinos” e “assaltantes”, enquanto na reportagem do Jornal O Povo eram as vítimas do massacre que foram chamadas de “fanáticos” e “bandidos”. Estes versos também chamam atenção para detalhes quanto a negligência que os corpos das vítimas foram tratados durante o massacre, informações estas que foram omitidas na matéria de 1937, tais como “Centenas de criaturas / Sem defesa, dizimadas/ Sem cova, caixão, sem cruz / Alimentaram urubus / Por que não foram enterradas”.

Rosemberg e Chico Sá  
Com filme e com documento  
Oswald Barroso e outros  
Escritores de talento  
Numa importante missão  
Vêm tirando o Caldeirão  
Da vala do esquecimento  
Por ser poeta vali-me  
Da cultura popular  
Foi a maneira melhor  
Que encontrei pra narrar

Essa tragédia brutal  
Que o poder oficial  
Fez questão de não contar  
(Amâncio, 2001, apud Holanda e Cariry, 2007, p. 325)

Amâncio então finaliza o poema localizando seu relato no texto, enquanto poeta popular, cita outros autores para declarar seu objetivo ao escrever os versos, que valendo-se “da cultura popular” encontrou uma forma de narrar “Essa tragédia brutal / Que o poder oficial / Fez questão de não contar.”.

Em resumo, o cordel notícia acima analisado informa ao leitor sobre o massacre do Sítio Caldeirão de forma subjetiva, detalhista, com traços de sarcasmo e em tom de denúncia, utilizando-se de uma abordagem partidária e direta. Indicando então, uma outra forma de informar, diferente do que normalmente é empregado nos manuais de redação (por se tratar não de um jornal e sim de um cordel), mas que preserva a missão jornalística de verdadeiramente informar.

Sem renunciar ao caráter informativo do relato, há uma experiência que se narra, levando o leitor a experimentar o acontecimento e crer no que lhe é narrado (Peres, 2017). Mesmo que o texto valorize elementos que escapam à técnica e digam respeito também ao que há de humano, ele não desconsidera os fundamentos e procedimentos de um campo que tem na objetividade um de seus pilares – ainda que eles estejam postos a serviço da narrativa, e não o contrário. (Peres, Rezende e Schwaab, 2023, p.10 e 11)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, utilizando a folkcomunicação como abordagem, é possível observar o potencial noticioso da literatura de cordel, em especial dos cordéis de acontecido. No entanto, assim como indica os métodos folkcomunicacionais de pesquisa, é preciso investigar o folheto como ele é, considerando suas particularidades, como: nota cantada, tom de voz opinativo, liberdade poética, interpretação do fato e mescla do que é narrativo com o que é informacional.

Como comparativo, este estudo se debruçou sobre a análise de duas formas de informar um mesmo fato: o massacre do Sítio Caldeirão. A primeira, se trata de uma reportagem publicada no Jornal O Povo, em 1937 e nela pode-se observar como a narrativa do texto serviu aos interesses do governo e da classe dominante e agiu para

legitimar o massacre perante a sociedade, ao adotar um discurso que induz o leitor a pensar que os habitantes da comunidade mereciam aqueles ataques por se tratar de “fanáticos” e “bandidos”.

Já quando o massacre é narrado nos versos do cordel de Geraldo Amâncio, publicado em 2001, intitulado de “O terrível massacre de Caldeirão do Beato José Lourenço”, percebe-se um discurso pautado sob a ótica camponesa, que denuncia a violência do governo vigente e detalha as perdas do lado camponês, além de trazer traços de subjetividade, liberdade poética e relato do autor para o discurso.

Esta outra forma de informar com que o cordel traz ao fato cantando, contribui para um diálogo sobre um método subjetivo de noticiar que faz contraponto direto com o método objetivo e neutro que parte do ponto de vista de um sujeito universal: homem, branco, ocidental, que quando alinhado a amostra brasileira, podemos apontar um “sujeito brasileiro universal” imposto pela mídia hegemônica: homem, branco, sulista.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Antonio Teixeira de. Inventário epistolográfico de Luiz Beltrão. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, a. 29, n. 50, p.123-145,2.sem.2008.<https://biblat.unam.mx/hevila/Comunicacao&sociedade/2008/no50/6.pdf>

NAÇÃO CARIRÍ, Rosemberg. **Cariry**. Cariri. Fortaleza, dez. 1981; jan. sp. 1982.

GONÇALVES, Marco Antonio. IMAGEM - PALAVRA: a produção do cordel contemporâneo. **Sociologia & Antropologia**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 219-234, nov. 2011. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/Jm4vxzTKdHpztVjyQjgFDFS/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

HOLANDA, Firmino; CARIRY, Rosemberg (org.). **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto**. Fortaleza: Interarte, 2007. 364 p.

IBGE (ed.). **Censo 2022**: taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/47PnDFb>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

LUTA E MORTE NA SERRA DO ARARIPE. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 11 mai. 1937. P. 1-8.

MACIEL, Betania; DA SILVA, Shirley. Folkcomunicação e Modernidade: caminhos e perspectivas para o desenvolvimento local. **Caderno de Graduação - Humanas e Sociais – UNIT**

- PERNAMBUCO, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 45–52, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/facipehumanas/article/view/1199>. Acesso em: 16 ago. 2024

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora**. In: XXVIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre, RS. Anais. Porto Alegre: PUC-RS / Compós, 2019

MEDEIROS, Hécio Pacheco de. Cordel no rádio: recriação e expressão cultural. In: MACIEL, Betania; MELO, José Marques de; OLIVEIRA, Maria Ética de (org.). **Território da Folkcomunicação**. Natal: Editora Universitária - Ufrn, 2011. p. 139-146. Disponível em: [https://gppragma.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/05/territorio-da-folkcomunicacao-\\_2\\_.pdf](https://gppragma.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/05/territorio-da-folkcomunicacao-_2_.pdf). Acesso em: 16 abr. 2024.

PERES, Ana Cláudia; RESENDE, Fernando; SCHWAAB, Reges. O jornalismo em sua dimensão relacional: compreensões a partir da escritura. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 27, jan.–dez. 2024, p. 1–18.

SCHMIDT, C.; MERGULHÃO, E.; JACONI, S. Atualidade em cordel: linguagem popular e suporte jornalístico. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 19, n. 43, p. 46–62, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19747>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SOUZA, M. I. de. A INDÚSTRIA CULTURAL E A FOLKMÍDIA. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18567>. Acesso em: 16 ago. 2024